

A construção do conceito de juventude e o declínio do patriarcalismo no Recife do século XIX¹

Ebis Dias Santos Filho²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Neste trabalho são apresentados apontamentos iniciais de uma pesquisa exploratória realizada com o objetivo de identificar como estão relacionadas as transformações sociais na cidade do Recife -PE e a construção da categoria jovens no séc. XIX. Tal discussão constitui-se importante para compreendermos como dialogam com o conceito de juventude enquanto distinção geracional e o como se concebe a modernidade nos centros urbanos. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental apresentada de forma descritiva. Compreendeu-se que o capitalismo internacionalizado desenvolveu espaços para a expressão e reunião de outros extratos sociais além do patriarcado, entre eles, os operários, as mulheres, os jovens, entre outros. Para compreendermos melhor a construção da categoria dos jovens no Recife e, assim também, no Brasil, é preciso aprofundar pesquisas seguindo estas pistas no tempo, sugeridas por este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: culturas urbanas; culturas juvenis; Recife; patriarcalismo; comunicação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados iniciais de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo com o objetivo de identificar como estão relacionadas as transformações sociais na cidade do Recife -PE e a construção da categoria jovens no séc. XIX, com destaque a aspectos que desconstroem o poder patriarcal, através de publicações de circulação local e posteriormente, através de bandas musicais. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental, incluindo publicações periódicas disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFPE, e-mail: ebisrecife@gmail.com

A motivação para esta pesquisa emerge do reconhecimento de compreensões divergentes sobre quando de fato é possível considerar a juventude enquanto categoria de distinção etária no Recife. Assim, a partir de buscas rápidas sobre os termos juventude, jovens, mocidade, moços, moças, rapazes foi possível identificar como as produções desses periódicos já refletiam sobre importantes mudanças na sociedade, principalmente no que concerne ao patriarcalismo e suas estruturas, como a participação das mulheres e seu papel na construção social, sexualidade e poder patriarcal e diferenças sociais.

Dessa forma, o texto está dividido em três partes e apresentado de modo descritivo. Num primeiro momento é descrito como os periódicos escritos por jovens abordavam sobre as diferenças entre moços e velhos, seus papéis e forma de ver o mundo, apontando para uma perspectiva positivista. Posteriormente, o contexto sociopolítico é destacado, demonstrando como ele acaba por abrir espaço para que outras classes sociais, através de bandas musicais e outras formas de aglomeração iniciam um importante processo de transformação que parece ainda em construção.

Por fim, as considerações finais constituem-se principalmente em apontamentos para que os estudos sejam aprofundados quanto à distinção etária e suas produções artísticas e literárias relacionadas às importantes conversões da sociedade no período abordado.

1 PERIÓDICOS DO SÉC. XIX E A OUTRAS CRIAÇÕES DA MOCIDADE

Em “A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX”, Savage (2009), defende que a ultravalorização do adolescente, ou seja, a criação do público jovem com poder de consumo, valores, rituais, exigências e direitos próprios não começou após a Segunda Guerra Mundial (1940-1945) com o surgimento do *Rock and Roll*, como costuma ser compreendido por muitos dos que estudam a juventude. Para o autor, esse fenômeno foi produto de um processo que começou no final do século XIX.

Savage (2009) aponta que as consequências da Revolução industrial, no fim do com a inauguração da sociedade de consumo materialista e urbana iria contribuir para que os jovens, na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, fossem inclusos na nova ordem social capitalista, na qual nenhum grupo deveria ser excluído. Na década de 1940, os profissionais de marketing e publicidade teriam criado o termo *teenage*

para classificar o público consumidor dos jovens entre 14 e 18 anos, que nos Estados Unidos, nos anos 1950 elegiam o *Rock and Roll* como sua cultura musical de distinção etária e geracional.

Em “O consumo do Rock and Roll como cultura musical juvenil do Recife dos anos 1950”, (SANTOS FILHO, 2019) podemos observar que esta música e suas práticas culturais foram absorvidas por jovens da capital pernambucana na época. A adequação feita por adolescentes da referida cidade foi legitimada por personalidades e jornalistas locais entre os anos 1956 e 1959. Porém, este consumo e apoderamento só ocorreu entre membros da juventude mais abastada da cidade.

A idéia de massificação da cultura juvenil no Brasil é defendida por Garson (2015), como ocorrida apenas em 1965, com o fenômeno da Jovem Guarda. Conforme aponta este sociólogo, os símbolos, valores, crenças, práticas culturais e música em torno do movimento musical liderado por Roberto Carlos, Wanderléia e Erasmo Carlos, inspirado pelos Beatles e outros artistas do *Rock and Roll*, criaram um censo de grupo em diálogo com a indústria cultural, com uma identidade de distinção etária e geracional intensamente consumida por adolescentes de diversas classes sociais e etnias reunidos durante a segunda metade da década de 1960 no Brasil. No entanto, a partir de uma pesquisa exploratória, foi possível identificar que o grupo etário referido já produzia elementos que traziam em si sementes de significativas transformações sociais, ainda no final do séc. XIX. Mas antes de analisarmos esse período, destacaremos alguns aspectos histórico-sociais do Recife na década de 1920.

Ceballos (2003) aponta como intelectuais nordestinos ligados ao Movimento Regionalista na década de 1920, em defesa do patriarcalismo tradicional da região, criticaram o denominado Recife moderno, impactado pela energia elétrica, reformas urbanistas, aumento de automóveis e mudanças de hábitos, principalmente os da juventude, com os chamados almofadinhas e melindrosas. Segundo o grupo liderado por Gilberto Freyre, o Brasil estaria sofrendo o impacto pelo fim do poder verticalizado do patriarcado, baseado na sociedade marcada pela força política e econômica dos engenhos, para uma horizontalização social. Nessa perspectiva mais horizontal da sociedade, na qual havia uma influência cada vez maior da Revolução Industrial, os chamados “chefes de família” perdiam gradativamente a sua “autoridade” no seio familiar, onde cada membro, de maneira exclusivista, estaria definindo uma personalidade à parte (CEBALLOS, 2003).

Segundo Ceballos (2003), o sociólogo Gilberto Freyre apontava, na década de 1920, entre outras razões para essa horizontalização da sociedade, a transformação do engenho em usina, administrada pelos escritórios da cidade, por homens que se comportavam com os novos hábitos urbanos, tido como refinados, abdicando do direito de mandar em suas terras devido às suas ausências. Além da Revolução Industrial, a Proclamação da República também seria apontada como causa para o fim da verticalização do poder concentrado no patriarcalismo, devido ao fato de até mulheres poderem ocupar cargos públicos que antes só eram permitidos aos homens.

Analisando o patriarcado brasileiro no século XIX, Freyre (2013) observa que não havia uma grande distância social entre homens e meninos. Devido a vergonha da meninice castigada em uma sociedade de adultos, os garotos, diante do prestígio dos “homens feitos”, já imitavam os “velhos” na adolescência, adotando seus gestos e suas vestimentas.

Ainda sobre o século XIX, agora nos períodos de decadência do patriarcalismo, Freyre (2013) aponta um antagonismo e rivalidade nascente entre homem moço e homem velho, pai e filho. Diante da proliferação dos Colégios de Padres nas cidades, os alunos que ali se formavam, segundo o sociólogo, representavam uma tendência no comportamento do estilo europeu contemporâneo e urbano, ao contrário do meio autocrata e estagnado das casas grandes e sobrados encarnados pelos pais e avós.

A pedagogia no século XIX, segundo Freyre (2013) tinha uma tendência para o amadurecimento da criança. Com quinze anos, o próprio Dom Pedro II foi um precoce. Uma característica do seu reinado seria o conflito entre o patriarcado rural com as novas gerações de bacharéis e doutores, os velhos da casa grande e os moços recém-formados.

O imperador seria um protetor dos moços, visando nos seus saberes, letras e ciência um novo prestígio ao Brasil. Esta nova geração teria despertado em Dom Pedro II uma solidariedade geracional, de idade e intelectualidade. Contra as antigas oligarquias dos senhores de engenho e magnatas das minas, que ocupavam o senado e a câmara, foram designados rapazes entre vinte e trinta anos que, pela mocidade chocaram e revoltaram os velhos poderosos que outrora ocupavam estes cargos. (FREYRE, 2013)

O imperador teria visto os moços de sua geração como aliados intelectuais de sua política em favor da urbanização e centralização do poder contra o poder exercido pelos senhores das oligarquias. O governo de Dom Pedro II seria contra o patriarcado, de certa

forma. Nomeados para os cargos mais importantes do império e em suas províncias, esses rapazes franzinos e pálidos exibiam o traço romântico da falta de saúde e a cultura livresca que atraíam as moças elegantes da primeira metade do século XIX. Tinha chegado a época que seria bonito morrer moço aos vinte ou trinta anos, um traço de distinção dos burgueses, fazendeiros ricos e vigários, os quais faleciam velhos. (FREYRE, 2013).

Renegando a saúde, andando com prostitutas, bebendo conhaque, pegando diversos tipos de doenças, dançando quadrilhas ou recitando versos de amor para as moças nas salas escuras do Império, a mocidade doente idealizava o “gênio” que morria cedo, de tuberculose. Entre os ídolos adorados pelos estudantes e moças, poetas como Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu, e outros membros da literatura sentimental e mórbida desses autores que encontraram a morte precocemente.

A ascensão social desses moços nas instituições do Império, ainda segundo Freyre (2013), diminuiu o respeito pelos mais velhos, principalmente nas cidades de maior influência europeia, como Rio de Janeiro e Recife. O declínio do patriarcalismo no Brasil foi arcado pela luta do aluno contra o mestre, o pai contra o filho, o neto contra o avô. O individualismo ascendia com a independência dos rapazes urbanos, retóricos e polidos, educados na Europa ou em cidades brasileiras como Salvador, Olinda, São Paulo, entre outras (FREYRE, 2013).

As mesmas instituições escolares as quais formaram essa geração de rapazes e moças que marcaram a primeira metade do século XIX no Brasil, também instruíram futuros críticos do império. A denominada “geração de 1870” é traçada por Alonso (2000) como constituída principalmente por uma juventude intelectual reformista de diferentes vertentes como, positivismo, cientificismo, darwinismo social, liberalismo, spenciarismo.

Sobre a geração positivista em Pernambuco (1875-1889), Braga (2017) analisa a importância da atuação de jovens no movimento republicano-positivistas, segundo a autora, a maioria dos membros deste movimento não eram pobres, mas, em desvantagens aos monarquistas e suas boas colocações nos cargos públicos, estes tiveram dificuldades para concluir os estudos, garantir renda e conquistar melhores cargos nas instituições do Império.

Desta maneira, o ideal positivista foi mais presente em indivíduos ligados às classes mais descontentes com o Império no Brasil. Em relação ao movimento republicano em Pernambuco, fizeram parte diversos estudantes universitários vindos de várias regiões

do país, “comerciantes, empregados do comércio, artistas mecânicos, liberais e profissionais de arte, mulheres e escravos” (BRAGA, 2017).

Na segunda metade do século XIX no Brasil, ocorreu um grande aumento de jornais e a imprensa pernambucana, como observa Braga (2017), foi uma das que mais multiplicaram nesta época, no Império. Dos 501 títulos que circularam no Recife entre 1875 e 1889, 96 eram ligados ao movimento republicano, de um total de 154 com forte participação dos membros deste.

Muitos destes jornais ligados ao movimento republicano adotaram estratégias para alcançar leitores de todas as classes sociais, como ilustrações, visando também o público analfabeto, transcrições de matérias e telegramas de jornais maiores, como o “Diário de Pernambuco” e o “Diário do Recife”, além de anúncios e preço mais acessíveis do que outros periódicos da cidade (BRAGA, 2017).

Diante deste cenário favorável para a profusão de tantos jornais no Recife, houve espaço para os periódicos organizados por adolescentes. Em 1875, rapazes inspirados ao sentimento anticlerical, criaram o polêmico e famoso O “Diabo a Quatro”. Entre esses moços, Aníbal Falcão, sobre o qual falaremos mais adiante. Para escapar da forte influência do gabinete conservador na época, esses rapazes usaram pseudônimos como Belzebu, Satanás, Capeta, entre outros.

Este periódico com tom jocoso fazia um jornalismo investigativo no qual traziam denúncias políticas que garantiram seu sucesso. Como citou a própria redação do jornal, este estava na moda como a polca, o tango, a valsa, os cigarros e as gravatas, agradando até as moças. Em 1876, este veículo chegou a vender 6 mil exemplares por dia e anunciaram uma vaga para contratar um correspondente dos Estados Unidos (BRAGA, 2017).

Outro jornal republicano lançado no Recife por rapazes, ainda fora da academia, no ano de 1875, foi “O Progresso”. Estes se apresentavam como soldados do futuro guiados, pela ciência. Segundo Braga (2017), esse grupo de jovens republicanos e positivistas ligados a esse órgão de imprensa se intitulavam como membros de uma nova geração independente, de uma mocidade pura e guia responsável e único, por razão da sua juventude, para a salvação da sociedade. Esse tipo de texto no qual faz tal apologia à mocidade era recorrente em outros jornais do fim da segunda metade do século XIX, como

foi confirmado na pesquisa, tendo como exemplo “A Tribuna Acadêmica”, ligado à estudantes de Direito.

Não só nos discursos políticos, como na arte, Aníbal Falcão, com apenas 20 anos, contestou a harmonia social, como era de costume desse grupo, ao lançar o drama “O Doutor Alberto”, em 1876, no qual a personagem Helena, esposa do deputado geral Dr. Alberto, engravida de seu amante Eugênio e realiza o aborto. Além do choque por trazer o tema do aborto ao debate na época, o autor ainda defendia a idéia de que o ato realizado pela mulher seria culpa dos homens. Esta obra virou uma peça de teatro, mas foi censurada e acabou por virar tabu por criticar certos pais de família e, assim, o patriarcado.

Em 1881, o jovem Isidoro Martins Junior lança o livro “Visões de Hoje”, com poemas da chamada poesia científica, apontadas por muitos especialistas como uma corrente literária distinta. Braga (2017) aponta que a obra se tornou uma espécie de “bíblia” para uma juventude em busca de ruptura com o passado.

Entre 1875 e 1879, essa geração estava mais focada em firmar sua identidade, distinção e sua marca simbólica, seja na imprensa, nos discursos e no teatro. Estes jovens pré-acadêmicos estariam, assim, impondo uma imagem de si aos outros e aos membros do seu grupo. Já em 1880 passam para a concorrência eleitoral, atuando de maneira mais publicitária. (BRAGA, 2017)

As chapas lançadas pelo jornal “A Opinião”, mais um dos diversos periódicos ligados a mocidade republicana, lançaria a candidatura de diversos artistas, por causa desta categoria, segundo Braga (2017) estar ameaçada de perder os direitos políticos devido aos debates sobre uma reforma eleitoral.

Os diversos clubes de moços e moças engajados politicamente em grupos republicanos, separados uns dos outros por diferenças ideológicas ou unidos para se fortalecerem nas eleições, em prol da modernidade, adotaram e lutaram por algumas dessas pautas, como: o fim da escravidão, a liberdade para a mulher estudar e trabalhar, a presença feminina e dos escravos no movimento, o sufrágio universal, o direito ao divórcio feminino e ao seu outro casamento, o fim do pátrio poder, a luta contra a aristocracia, o combate a distinção de cor, a luta operária, a defesa da industrialização do país, os interesses da província pernambucana, liberdade de crença, difusão do ensino primário e técnico, etc.

2 CONTEXTO SÓCIOPOLÍTICO PARA TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS: JUVENTUDE E BANDAS MUSICAIS

Sobre o contexto cultural e econômico que o mundo viveu entre os anos 1875 e 1914, Hobsbawn (2005) destaca o avanço do comércio internacional diante das viagens mais curtas e as trocas mais rápidas de informações entre várias regiões do globo, realizadas pelos grandes avanços da ciência e tecnologia, como a navegação a vapor, a ferrovia, a descoberta da eletricidade, o gramofone, entre outros. Somando-se a esses fatores, o aumento demográfico da população e as imigrações para os continentes americanos tornariam o mundo mais ligado pelo maior deslocamento de pessoas, bens, capitais, mercadorias, informações e idéias.

O comércio internacional cresceria de forma vertiginosa, as economias industriais concorrentes e seus produtos cresceriam mais que o mercado de massa para os bens de consumo. Desta forma, o capitalismo se expandiu mais ainda pelo mundo, procurando e conquistando de forma ávida estabelecer colônias de consumidores.

Segundo Hobsbawn (2005), o progresso implicava que os mais novos poderiam ensinar aos mais velhos. Para o autor, durante a segunda metade do século XIX, a estrutura da família burguesa sofreria um afrouxamento devido a certas emancipações gradativas das mulheres e o surgimento da juventude como categoria de idade entre a adolescência e o casamento. Para o autor, a juventude e a modernidade eram palavras quase intercambiáveis, que tiveram muito impacto nas artes e significavam um tipo de gosto e estilo.

No século XIX, Recife, com seu porto era a cidade responsável pelo escoamento das exportações do Nordeste, bem como pelo suprimento de importações. A gestão das exportações pelo comércio privado provocou a retenção de seu lucro por uma burguesia local, mercado consumidor interno de bens, nos moldes do capitalismo internacional da Revolução Industrial, além de um progressivo controle dos comerciantes na atividade produtiva (HOBSBAWN, 2005).

Com o investimento financeiro do Recife, a partir da segunda metade do século XIX, a produção canaveira se moderniza. Nesta época, surge o desenvolvimento da indústria têxtil, as indústrias de fundição e tecelagem, e, aos poucos, indústrias que visavam atender ao mercado urbano interno, como alimentos, roupas, bebidas, utensílios, artigos de limpeza e meios de transportes, devido ao crescimento urbano da cidade.

No fim do século XIX, Recife se consolidou como centro administrativo, financeiro, comercial, industrial e cultural da Região Nordeste. O porto cresceu em importância, devido a dinâmica do capitalismo internacional, e a capital pernambucana aumentou sua concentração de renda interna. Desta forma, são abertas novas perspectivas para o comércio, indústria e serviços, além das mudanças de alguns costumes na cidade. É importante destacar o aumento da população em condições miseráveis de sobrevivência, morando em palafitas sobre os manguezais da cidade, os chamados mocambos, devido ao aumento de número de retirantes que entram constantemente na cidade, principalmente depois da abolição da escravidão.

O crescimento da população significava também um aumento do consumo no mercado interno, especialmente nos setores têxtil e alimentar, além da formação de uma mão-de-obra reserva. Assim, fábricas iam surgindo em Pernambuco, mas eram muitas vezes filiais de empresas oriundas do eixo Sul-Sudeste, onde os investimentos do país ainda se concentravam.

As economias regionais distantes do Centro-Sul, anteriormente mais independentes entre si e dispostas de mais autonomia para o comércio externo, é que acabam pagando a conta. Instituiu-se o Imposto de Consumo sobre mercadorias produzidas no país, declarou-se fim das barreiras alfandegárias entre os estados e foi abolida a capacidade destes de legislar sobre o comércio exterior. Na prática, isso desprotegia a indústria do Nordeste, incapaz de competir com a do Sul-Sudeste, ao mesmo tempo em que a região perdia a liberdade de negociar de forma independente a exportação dos seus produtos. O país, que deveria tornar-se mais homogêneo, envereda pelo caminho contrário, alargando as disparidades entre suas regiões ao desigualdades econômicas entre estas.

Para a capital pernambucana rumavam os grandes hospitais, escolas e sedes de empresas públicas e privadas, expandindo sua oferta de serviços e transformando-a numa metrópole do Nordeste. Também era nela que se concentravam os investimentos que dinamizavam e davam ares de modernidade à cidade, a grande maioria de origem estrangeira. Principalmente o capital inglês, mas também o francês e o alemão encontravam larga oportunidade de aplicação no Brasil pós-Independência, junto a melhoramentos urbanos, obras públicas e instalação de bancos. À prominência econômica juntava-se a cultural e a política, de tal forma que o Recife concentrava em si a maior parte

dos investimentos e receitas fiscais da região. Essa dominância significava que o interior e mesmo estados vizinhos viam suas economias estagnarem, com a capital pernambucana agindo sobre elas de forma semelhante a que São Paulo agia sobre o resto do país, embora em escala bem menor.

O final do século XIX via ainda o fortalecimento do mercado consumidor interno no Brasil, criando as condições necessárias para que uma maior parcela da população obtivesse acesso a produtos da indústria nacional, em vez daqueles manufaturados no exterior. O fim da escravidão, como já se falou, ajudou a formar um público consumidor assalariado, ao passo que a mudança para o regime federalista em 1891 concedeu maior autonomia aos estados. Isso permitiu que as forças produtivas regionais pudessem avançar qualitativa e quantitativamente, ajudando a criar uma burguesia tupiniquim e iniciando a lenta marcha de um país agrário para um de feições mais urbanas.

Diante desse cenário, as revoluções tecnológicas como a dos instrumentos musicais de sopro contribuíram para uma transformação social nas relações entre as classes, a chamada revolução das válvulas, com a popularização dos instrumentos de pistões e válvulas, surgidos depois da década de 1840, junto com o barateamento destes, transformariam a orquestração das bandas de música, a democratização destas, seu repertório e os locais das apresentações (SILVA, 2016).

Silva (2016) em seu trabalho sobre a Belle Époque em Pernambuco, lembra a importância da história social da música popular para melhor compreendermos sobre extratos sociais e suas formas de organização.

[...] A revolução Industrial permite uma mudança significativa na forma em que os instrumentos, sobretudo os de sopro começaram a fazer parte da vida das pessoas comuns [...], no Brasil, através das sociedades de ajuda mútua e do carnaval.

Numa estrutura maior, de média a longa duração, pode-se citar algumas quebras de paradigmas: a invenção dos pistões com válvulas, que mudam drasticamente as técnicas da execução de uma parte da família dos instrumentos musicais de sopro, ou a própria Belle Époque, que é o momento de mudança nas expectativas da elite e das pessoas comuns, com a abolição da escravatura, a República, a luz elétrica, a abundância de jornais, a invenção do avião, do telégrafo, fotografia, cinema, etc. (SILVA, 2016, p. 33)

O comércio de partituras, na segunda metade do século XIX e início do século XX foi responsável por alimentar o gosto popular pelo caráter cosmopolita dos repertórios das bandas. Portanto, as bandas serviriam como ponto de convergência, em que os músicos

absorvem, através de um repertório variado, outras experiências musicais, e estas também funcionariam como vetor de confluência, no qual os músicos utilizariam de suas práticas para transformar as músicas em novos gêneros musicais: “marchas, dobrados, polcas marcha, maxixe, tango brasileiro, choro, marcha carnavalesca pernambucana e por fim o frevo – as bandas de música são verdadeiros laboratórios musicais” (SILVA, 2016, p. 36) trazendo não apenas importância quanto ao aspecto da diversificação musical/cultural, mas também de transformação social.

Antes dos instrumentos de sopro com pistões e válvulas a educação musical era mais restrita, exigindo do músico menos habilidade que os instrumentos de sopro naturais. Com a chegada das escolas técnicas, na segunda metade do séc. XIX, a música erudita ligada à tradição militar, passa a fazer parte de comemorações e celebrações de vários tipos, de forma recorrente. Essa importante ruptura abre espaço para a criação das bandas de música, que acabam por trazer outras possibilidades de expansão social para as pessoas comuns, que passam a vislumbrar na participação nesses grupos musicais um caminho para ocupar espaços sociais que até então eram restritos à aristocracia (SILVA, 2016).

Com o tempo, a antiga banda militar, símbolo do poder centralizado na monarquia e no patriarcado vai cedendo espaço para a banda de música moderna, ligados às associações comerciais, colégios, escolas normais, blocos de carnaval e as bandas improvisadas. Com o adensamento urbano, no final do século XIX e início do século XX, os clubes, associações de pessoas ligadas por classe ou interesse comum, são a marca da época. Nos clubes, as danças modernas, são cada vez mais presentes, com a presença cada vez maior e mais livre dos jovens. Entre essas agremiações, a Sociedade Recreativa Juventude destaca-se enquanto agremiação reservada para os moços da alta sociedade pernambucana.

Além dessas agremiações, os blocos de carnaval nascem dos clubes de rua, fundados inicialmente por classes de trabalhadores ligados as classes menos abastadas, entre eles, Os Caiadores, Vassourinhas, Clube da Pás. Dentre esses blocos, o Mocidade Operária esteve presente no começo do século XX, no carnaval Recifense.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido a fim de identificar como estão relacionadas as transformações sociais na cidade do Recife -PE e a construção da categoria jovens no séc. XIX, permitiu

a observação do quanto ainda há pouco destaque a participação deste grupo etário, que até então era bastante chamado de mocidade, nos processos de transição entre a sociedade patriarcal e a moderna. Muito embora, boa parte dos questionamentos e reivindicações feitos à época ainda sejam necessários na contemporaneidade, esses sujeitos tiveram papel de destaque.

Aos poucos o capitalismo internacionalizado desenvolveu espaços para a expressão e reunião de outros extratos sociais além do patriarcado, entre eles, os operários, as mulheres, os jovens, entre outros. Para compreendermos melhor a construção da categoria dos jovens no Recife e, assim também, no Brasil, é preciso aprofundar pesquisas seguindo estas pistas no tempo, sugeridas por este trabalho.

Gradualmente, o papel do jovem na sociedade vai sendo mais específico na sua importância política, do consumo e na criação de leis direcionadas a este grupo etário. O diálogo entre essas instâncias vai ajudar a criar a cultura juvenil como meio de distinção geracional e etária por volta da metade do séc. XX. Estudar como isso acontece no Brasil é uma forma de entender melhor a nossa forma de construção da modernidade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. Contestação: o movimento reformista da geração 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - V. 15 N. 44, outubro/2000.

BRAGA, Flávia Bruno Ribeiro da Silva. **“Ditadura”, Abolição e República: a propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pósgraduação em História – UFPE, 2017.

CEBALLOS, Rodrigo. **Os maus costumes nordestinos: invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003.

FEIXA, Carles, LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado** – V. 25 N. 2 Maio / Agosto, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo. Ed. Global, 2003.

GARSON, Marcelo. **Jovem Guarda: A construção social da juventude na indústria cultural**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia – USP, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2005.

LUZ, Nícia Villela. **O papel das classes médias brasileiras no movimento republicano**. Conferência proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Estado de São Paulo), em 8 de novembro de 1963.

SANTOS FILHO, Ebis Dias. **O consumo do rock and roll como cultura musical juvenil no Recife dos anos 1950**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Música – UFPE, 2019.

SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2009.

SILVA, Saulo Moraes e. **Práticas musicais populares na Belle Époque pernambucana**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em História – UFPE, 2016.

THEODORO, Mário Lisboa. A Formação do Mercado de Trabalho no Recife Pré-Sudene: alguns aspectos históricos. **Caderno de Estudos Sociais**. V. 6, o. 2, P. 301-316, jul./dez., 1990.

TOSCANO, Frederico de Oliveira. **Yes, nós temos Coca-Cola: o ideal da fartura norte-americana na mesa do Nordeste (1930-1964)**. 2019. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 2019.